

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ALDA FALCÃO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Memória do Centro de Pesquisas René Rachou

Entrevistadora - Alda Falcão (AF)

Entrevistadores - Lisabel Espellet Klein (LK), Eduardo Vilela Thielen (ET) e NI

Data - 28/08/1990

Local - Belo Horizonte/MG

Duração – 35min

Transcrição - Nathacha Regazzini Bianchi Reis

Conferência de fidelidade - Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

FALCÃO, Alda. *Alda Falcão. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória do Centro de Pesquisas René Rachou*, 1990. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 12p.

Data: 28/08/1990

Fita 1 - Lado A

AF - Quer dizer que vocês querem saber de Alda...

LK - Quero saber da sua história.

AF - Minha história, minha história é muito longa. Eu tenho 51 anos de serviço. Comecei a trabalhar em [19]39, na malária do Nordeste, na campanha de erradicação de *Anopheles gambiae*. Houve um surto de malária no Nordeste e aí os americanos da [Fundação] Rockefeller vieram para o Aracati, uma cidade que vocês devem conhecer, porque é muito engraçado. Lá tem uma mulher, tinha, não é? Que botava apelido em todo mundo. Então, era muito conhecida Aracati também pelas suas rendas e tudo, e agora por causa de Canoa Quebrada, vocês sabem?

ET - No Ceará?

AF - No Ceará. Eu sou cearense, era uma mocinha de 14 anos, quando comecei a trabalhar com o casal Deane, Maria Deane e o Dr. [Leônidas] Deane. Eu comecei primeiro com a doutora; o doutor Deane veio logo depois. Eles trabalhavam na Campanha [de Erradicação da Malária], mas ela veio primeiro para o Aracati, onde foi criado um laboratório, o Laboratório Central, que era ali que todos os pesquisadores que trabalhavam nessa campanha passavam por esse Laboratório logo no início. Assim muitos famosos até hoje, passaram por aquele Laboratório. O Maneco Ferreira, era o diretor daquele Laboratório, depois saiu, ficou o doutor Koser. Kurt Richard Koser, um americano que veio com a mulher lá para esse laboratório e ele foi o chefe até terminar, o chefe lá no Aracati do laboratório. Em Fortaleza era a sede, era a parte administrativa que distribuía trabalho para todo o Ceará, em toda área onde estavam ocorrendo aqueles casos de malária. Então, foi um surto que morreu muita gente e no interior, quando morre gente, toca o sino, não é? Então, depois não tocava mais porque senão não parava porque morria muita gente. Todos os dias, várias casas, assim, mais velhas, foram transformadas em um hospital para abrigar aquelas pessoas doentes porque não tinha hospital na cidade, mas que tinha que juntar em algum lugar para que fossem tratadas. Foi uma campanha assim maravilhosa que eles erradicaram realmente o *gambiae* e depois de três anos que eu estava trabalhando nesta campanha, foi erradicado o *gambiae* e todo mundo foi transferido para Fortaleza, onde tinha a sede administrativa. Então, acabou aquele laboratório onde tinha o surto.

ET - Isso era ligado à Fundação Rockefeller?

AF - Fundação Rockefeller. A Fundação Rockefeller pagava toda a campanha, toda a despesa. Os nossos salários eram pagos pela Fundação Rockefeller foi na campanha, quando acabou e foi extinto o *gambiae*. Teve aquela parte de vigilância, aquela época que se faz a vigilância e depois disso cada um teve que tomar o seu rumo. Quem podia, quem queria continuar trabalhando, foi mandado para o SESP, em Belém do Pará, lá para o Instituto

Evandro Chagas. A maioria das pessoas foram. Eu não fui por uma razão, que eu acho que não precisa dizer aqui, porque é muito particular, não é? Eu era noiva (risos) de um rapaz, meu pai não quis que eu fosse, essa coisa toda... eu fiquei um ano sem trabalhar. Quando foi criado o Serviço Nacional de Malária, em 1943, lá no Ceará, não sei se já havia esse serviço em outro lugar, eu sei que lá em Fortaleza a criação do serviço foi em 1943, eu entrei, fiz uma prova de suficiência com Ivan Ricciardi, que foi o primeiro chefe de laboratório daqui deste Instituto, do Centro de Pesquisas, quando ele veio para cá, como Instituto de Malariologia tinha o Departamento de Entomologia e o Ivan era o chefe, então ele foi o meu primeiro chefe no Serviço Nacional de Malária. Eu trabalhei vários anos lá, entrei em 1943 e de lá eu vim para Belo Horizonte por causa do meu marido. Eu vim para cá em [19]52 e fiquei trabalhando na Circunscrição daqui que também era...que o Serviço Nacional de Malária passou para o DENERu, isso vocês sabem, não é? Todas as endemias foram reunidas e foi formado o Departamento Nacional de Endemias Rurais. Nessa ocasião eu já era do Departamento de Endemias Rurais. Quando eu vim para cá e aqui eu trabalhei lá na, onde é a Funete, era a parte de entomologia que funcionava lá, que era o Instituto Ezequiel Dias. Ali trabalhei pouco tempo e fui trabalhar com o professor Amilcar Vianna Martins, na Faculdade de Medicina, no prédio antigo, trabalhar em esquistossomose. Trabalhei durante algum tempo com o professor, mais ou menos de 53 até 55, quando eu vim para cá eu trabalhei, eu passei pela Escola de Medicina; da Escola de Medicina nós fomos trabalhar na Escola de Odontologia e Farmácia, que hoje é só Odontologia e de lá eu vim para cá. Eu soube que estava sendo criado este Instituto e que Dr. [René Guimarães] Rachou vinha para cá; como eu já conhecia Dr. Rachou, do Serviço Nacional de Malária lá em Fortaleza, que meu primeiro trabalho eu fiz achando que eu era apenas o técnico que estava executando um trabalho, mas eu acabei sendo colaboradora, ele é que escreveu o trabalho, mas é meu primeiro trabalho. É um encontro de (...) a 60 km da orla marítima, era o primeiro encontro dessa espécie de anofelinos que transmitem malária fora da orla marítima. Quando eu soube que o Dr. Rachou estava aqui, eu vim conversei com ele e ele disse: “Ô bolona” porque depois que ele tinha me visto magra era a primeira vez que ele me via gordona. Ele queria que eu viesse para cá, porque ele era doido com todos os entomologistas e criou mesmo uma Escola, muita gente boa, que vinha com ele do Rio, Miguel, Milton Moura Lima, Peri e vários outros. Então... aí foi a negociação para eu sair, de onde eu estava, que era na Circunscrição (Minas Gerais), que o chefe era Dr. Jeferson e eu lá era chefe de um laboratório de esquistossomose, que funcionava na Escola de Farmácia. E o Dr. Jeferson não queria abrir mão de mim porque ele me deu uma ajuda muito grande quando eu vim para cá, foi muito bom para mim, ele achou que seria uma ingratidão da minha parte, largá-lo. Mas, aí foi outro rapaz me substituir e eu vim para cá. Estou aqui até hoje, só mudando de sigla, era Instituto de Malariologia, Centro de Pesquisas de Belo Horizonte e Centro de Pesquisas René Rachou.

ET - Você consegue lembrar dessas datas, dessas mudanças?

AF - Aí é meio difícil para mim. Eu sei que era Instituto de Malariologia, depois Centro de Pesquisas de Belo Horizonte, que pertencia ao INERu, que era o Instituto Nacional de Endemias Rurais, que era o órgão de pesquisa, era o suporte das campanhas na parte de pesquisas.

NI - Chamava Centro de Pesquisas de Belo Horizonte do INERu?

AF - Do INERu, Centro de Pesquisas de Belo Horizonte do INERu. Depois passou a Centro de Pesquisa René Rachou. O Dr. Rachou morreu em 1963, não é? Novembro de 63 não é? Morreu na...em El Salvador, num acidente.

ET - Como foi o acidente?

AF - Ele...

LK - Levou um tombo...

AF - Ele levou um tombo, quebrou a perna e uma noite teve uma trombose e morreu. Conheci muito de perto o Dr. Rachou, foi uma temporada maravilhosa que ele passou aqui. Ele ficou aqui de 55 a 57, depois ele foi embora para o Rio e ficou chefiando o Dr. Amilcar Vianna Martins. Passou a ser o chefe do Instituto de Endemias Rurais porque o Instituto funcionava no Rio; o decreto que criou este Instituto dizia que este Centro, este Instituto teria sede no Rio ou imediações. Como o professor tinha um prestígio muito grande, Belo Horizonte ficou sendo as imediações (risos) e veio para cá a chefia, a diretoria do Instituto Nacional de Endemias Rurais. Aqui funcionava então o Instituto com o Dr. Amilcar como chefe e o Centro de Pesquisas, que era chefiado pelo Roberto Milward de Andrade. Depois o Dr. Marcelo de Vasconcellos Coelho, que ficou aqui durante 10 anos, de 59 a 69, e acumulava o cargo de diretor do Centro de Pesquisas com a chefia do Laboratório de Leishmaniose, o Laboratório onde eu trabalho até hoje. Trabalhei durante este tempo todo com o professor Amilcar e Dr. Marcelo, quer dizer quando eu trabalhava só com flebotomos, eu trabalhava só com o professor Amilcar. Quando foi toda a parte da entomologia, que tratava dos vetores de cada doença, foi incorporado ao Laboratório, onde se tratava só do parasita, aí juntou o vetor com o parasita e trabalhou-se junto. Todo mundo que fazia entomologia, foi trabalhar dentro daquele Laboratório. Vocês querem que eu fale mais assim das pessoas, que trabalharam aqui no tempo do Dr. Rachou? Isso aqui era uma família muito unida, o Dr. Rachou era maravilhoso, se fazia muita festa aqui.

NI - Eram quantas pessoas aqui? Quantas pessoas trabalhavam aqui?

AF - Eu não lembro.

ET - Mas era pouca gente?

AF - Pouca gente.

LK - Tinha gente que vinha transferida do Rio?

AF - A maioria veio do Rio, depois uns voltaram, uns deixaram o Centro. Aqui ainda permanecem, desses que vieram, Dr. Pedro, o Chapa, o Waldemar [...], o João Prezado e o Chico Pires, o João Cesário, que era um menino naquele tempo, que veio para cá. O pai dele era um senhor de idade...eu não sei se o João já trabalhava no Rio ou se ele entrou aqui através do pai dele, eu acho que foi.

NI - Eu acho que ele trabalhava com outra coisa, acho que trabalhava como boy em uma farmácia...

AF - Eu penso que ele veio com o pai, aí é que ele entrou.

NI - ..., mas eu não tenho certeza.

AF - Muitos não se adaptaram à vida em Belo Horizonte.

NI - Miguel veio?

AF - Miguel veio, Miguel, o Milton, Peri, a entomologia era toda essa ala aqui, que agora é dividida em três. Isso aqui tudo era entomologia médica e cada um tinha a sua especialidade.

NI - Você começou a falar da relação das pessoas, que era um ambiente familiar...

AF - Maravilhoso.

NI - Dá para falar mais como era essa relação de trabalho?

AF - Era muito bom, era uma relação que não existia chefe. O Dr. Rachou eu nem sei o que ele era, mas era assim. Ele dava essa liberdade toda, brincava com todo mundo, mas na hora de... e assim quando ele queria chamar atenção de qualquer um, ele chamava mesmo e ele tinha uma moral danada. Qualquer coisa que ele falava era só uma vez, sabe? Mas ele era muito legal com todo mundo, brincava muito com todo mundo e a gente se reunia frequentemente para almoçar fora, naqueles almoços, hoje eu estava até comentando no Laboratório, aqueles almoços onde todo mundo tocava violão, cantava, mandava alguém levantar para fazer discurso e ele comandava tudo. Quando nesses intervalos desses almoços ele tinha um time de vôlei, formado pelo pessoal daqui, então jogava, aqui tinha um colégio vizinho, na quadra de colégio jogava vôlei, ali onde é o Fórum hoje, era o Colégio Militar e eles alugavam a quadra, então todo mundo estava sempre junto, nos fins-de-semana. Meus filhos foram criados na porta do Instituto porque sábado e domingo o passeio era vir para cá, para a porta do Instituto; tinha uma grade baixinha ficava todo mundo, ninguém assinava ponto, todo mundo trabalhava a hora que fosse preciso, entrava e saía sem essa pressão de assinar ponto. Também não admitia fofoca e se tivesse qualquer problema, ele chamava os dois, era tudo resolvido da melhor maneira.

ET - Por que funcionava assim sem ponto?

AF - Por que funcionava? Ah! Se eu soubesse eu...e o meu marido, Alberto foi também entomologista. Foi fazer o primeiro inquérito entomológico de Brasília para depois de dez anos ver o que tinha acontecido, então o Dr. Rachou achava da maior importância aquele trabalho que ele estava fazendo e eu estava, eu não tenho família aqui, eu venho lá do Nordeste e só sou eu, o marido e os filhos aqui e os amigos e, então, o Dr. Rachou me chamou e disse: “Ô Alda, o Alberto vai fazer o inquérito de Brasília”, o Milton Moura Lima estava lá e tinha que retornar, ele foi para instalar o serviço, o Alberto, que era mais jovem e menos experiente do que Milton, ia para substituí-lo. Aí, o Dr. Rachou disse: “Olha o Alberto vai para Brasília e você vai ter essa criança lá em Fortaleza, porque você não tem família aqui e sem marido como é que você vai fazer?”. Deu a minha passagem, do meu filho mais velho, porque eu já tinha dois e quando eu tive essa menina, o outro menino já tinha dez meses, foi

uma coisa meio danada, não é? Então eu tinha um menino de dois anos e pouco e outro que... não um que ia fazer três anos ainda, e um de dois...de dez meses, de nove e tantos e eu, grávida. Como é que eu ia fazer? Sem marido, sem família e tudo? Ele me mandou para lá, para eu ter a minha filha lá; e minha licença só começou no dia que eu tive a menina. Quer dizer ele se preocupava com a vida da gente, com a situação de cada um.

Aqui houve um tempo que a gente ficava seis, oito meses sem salário, porque a gente recebia de uma verba que chamava ‘verba três’, e o dinheiro não vinha e o Dr. Rachou era um homem rico. Então ele fazia de vez em quando essa distribuição: “Você tem quantos filhos?”, “Tem tantos?”, e era maior o vale daquele, o vale daquele era maior, o vale desse era menor e quem não tinha filhos ganhava um muito menor. Nunca nós assinamos um vale para ele desse dinheiro, ele dizia “Oh, você preste atenção quanto eu estou lhe emprestando” e no dia que vinha o dinheiro, cada um chegava lá e pagava ele e ele nunca levou o cano de ninguém, todo mundo... porque ele confiava na gente, então não tinha como não corresponder a expectativa dele, de ser correto com ele como ele era com a gente, ele se preocupava com todos esses detalhes.

LK - Era uma relação de confiança e de lealdade?

AF - De lealdade.

LK - E trabalho de campo, você ia junto?

AF - Ia. Eu comecei a trabalhar quando eu comecei lá na malária do Nordeste mais era no Laboratório que tinha os guardas, mas depois no Serviço Nacional de Malária eu fazia trabalho de campo. Este trabalho mesmo, que é meu primeiro trabalho com Dr. Rachou, eu fui fazer numa cidade distante de Fortaleza e, às vezes, o Dr. Rachou encomendava ao entomologista chefe do laboratório onde eu trabalhava, algumas pesquisas em qualquer lugar e eu ia sempre lá. Aqui eu fiz muito trabalho de campo, até agora, pouco tempo, ainda fiz um trabalho em [...], que é meu quinquagésimo trabalho que está saindo agora e eu fiz todo o serviço de campo com o meu marido e mais dois guardas. Gosto muito desse meu trabalho de campo e do Laboratório e já estou com 50 anos de serviço e não quero ir embora.

LK - Você não está esperando o Regime Único?

AF - Não, de jeito nenhum, eu não estou esperando porque... aliás, agora, eu não posso nem dizer que eu não, eu não estou lá muito bem do coração e não sei como é que vai ser. O meu médico perguntou: “Você não pode aposentar?”, eu disse: “Posso, mas não quero”, ele disse: “Bem, se você não quer aposentar o seu tratamento tem que ser diferente, não é? Se você vai para casa sossegada a conduta é uma e se você vai trabalhar é outra”, mas eu quero continuar trabalhando. Não pretendo...

ET - Alda [...] do mesmo jeito que você acompanhou a história do Centro, que contribuições você poderia destacar assim do ponto de vista da pesquisa científica, do Centro de Pesquisas René Rachou?

AF - O Centro eu acho que cresceu demais. O Dr. Rachou era mais restrito à malária, não tinha ainda muito pesquisador aqui, tinha muito entomologista, ele gostava muito dos entomologistas. Depois que veio prá cá é que cresceu assim, veio o [José] Pellegrino, o

Professor Amilcar, o Dr. Zigman Brener, o Dr. [Ernest] Paulini e aí é que foram aumentando os trabalhos e as pesquisas cresceram consideravelmente.

NI - Mas aí sob a direção do Dr. René Rachou?

AF - O Dr. Rachou só ficou dois anos, só dois anos. Ele dava muita importância à malária agora depois...

LK - Começa na malária?

AF - Começa na malária, então ele é aquele que estudou a malária de lá de Santa Catarina, esse grupo dele estava muito dirigido para trabalhar com malária e antes era Serviço Nacional de Malária, quando passou ao DENERu, que açambarcou as outras endemias, é que nós começamos a trabalhar com barbeiros, com outros vetores das outras doenças e ...

LK - [...] trabalhar com filariose.

AF - Filariose.

NI - Depois da malária, qual é a segunda frente, o segundo laboratório?

AF - Que mais se destacou aqui?

LK - Você tem a entomologia.

AF – Não, mas com entomologia médica que juntaram todos os entomologistas, quase todo mundo trabalhava com malária, aí depois ficou trabalhando com doença de Chagas com é...

NI – E daí o início do trabalho com doença de Chagas?

AF – Mas aqui dentro, olha o professor Amilcar começou tudo, não é? Começou esquistossomose, eu trabalhava com esquistossomose com o professor Amilcar, antes de vir para cá.

NI - Dr. Zigman?

AF - Dr. Zigman começou trabalhando com [doença de] Chagas, mas a primeira tese dele foi calazar sanguíneo, foi lá na zona de..., eu acho que leishmaniose foi uma das doenças que foram abordadas assim logo no início. Eu me lembro muito é das coisas que estavam ligadas aos entomologistas, ao Dr. Amilcar e Dr. Rachou era malária que ele gostava mesmo e que ele deu mais importância; não é que ele não deu importância a outras coisas, é porque ele começou a trabalhar com malária.

LK - Você tinha aqui um grupo de entomologistas e tinha outros tipos de atividades nesse laboratório não só de entomologia?

AF – Não tinha, aí foi criado o laboratório de Chagas, de esquistossomose.

LK - Mas aí depois da saída do Dr. Rachou?

AF – Não, antes do Dr. Rachou sair já estavam instalados todos os laboratórios de esquistossomose, de chagas e de leishmaniose.

NI - Antes dele sair?

AF - É.

NI - Então foi estruturada a entomologia e iniciados também os outros laboratórios?

AF - Estruturados os outros laboratórios, por exemplo, o da química, veio de lá, onde o Dr. Pedro trabalha e que o Paulini, eu não lembro se o Paulini veio, entrou aqui, ou se veio da Cidade das Meninas.

LK - Veio da Cidade dos Meninas?

AF - Isso eu não tenho certeza, mas o laboratório de química já tinha muita atividade por causa das campanhas de erradicação.

ET - Quer dizer que do ponto de vista institucional, já na época do René Rachou, estava bastante estruturado?

AF - Toda estruturada, agora é claro que tudo aqui cresceu muito e hoje praticamente não existe mais nada daquilo, porque é tudo imunologia. Essa daí não sabe nem o que é essas coisas do meu tempo, não é? Todo mundo agora é imunológico (risos).

NI – Me parece que esses dois anos do René Rachou foi praticamente o embrião do que nós temos agora, como o início da Fundação Oswaldo Cruz, onde Oswaldo Cruz já previa uma Fundação múltipla, uma união de atividades que incluía pesquisa básica e o ensino.

AF - Nesse tempo aqui todo ano era dado um curso de atualização das endemias. Então vinham médicos de todos os Estados para fazer esse curso que era dado aqui, Curso de Atualização das Endemias.

ET - Outra coisa, quando mudou para Fundação, nesse tempo quando foi incorporado à Fundação, houve alguma mudança, por exemplo, de orçamento?

AF - Nós sofremos muito aqui com falta de dinheiro (risos) porque foi muito difícil passar de Serviço do Instituto Nacional de Endemias Rurais. Essa fase de transição não se fazia absolutamente nada aqui, o Arouca não tinha dinheiro.

ET - Do ponto de vista do trabalho?

AF – O trabalho caiu consideravelmente. Se vocês olharem aí um desses gráficos antigos, dos trabalhos desse ano, nessa ocasião, está aí uma produção, quem trabalhou eu não sei como foi, eu fui pessoalmente eu digo a vocês houve um tempo que eu não fazia nada, não tinha dinheiro para tocar os trabalhos, foi muito difícil, mas depois engrenou.

ET - Em [19]70 também Bambuí passou a fazer parte do Centro, né?

AF - Não sei se foi em 70, eu sei que ele era ligado diretamente à Fundação Oswaldo Cruz aí ele passou a ser um, como é que chama mesmo?

ET – Posto avançado.

AF - Um posto avançado do Centro de Pesquisas René Rachou.

NI - Mas a ligação com Bambuí?

AF - Agora é toda...

LK - É porque o Ezequiel Dias passa para o Estado em 1936; ele deixa de ter relação com a Fundação Oswaldo Cruz e passa a ser do Estado de Minas Gerais e Bambuí não. Bambuí permanece com uma ligação direta com o Instituto. Em 70 é que, eu não sei exatamente a data, ele passa a ser, então, do René Rachou.

ET – Mas valeu a pena, a senhora acha que valeu a pena?

AF - Não sei se valeu essa conversa toda.

LK - Pelo visto valeu, porque ela não quer nem se aposentar.

AF - Não, eu gosto muito do Centro de Pesquisas.

LK - E os seus filhos?

AF - Nenhum, consegui, não só um, agora que tem aqui, não é? Porque eu criei demais, eu trabalho com flebotomos; faço sistemática de flebotomos, e é uma coisa que eu adoro, e eu queria assim demais que um filho meu continuasse meu trabalho. Eu estou há 35 anos trabalhando em sistemática de flebotomos com o professor que faleceu há pouco tempo, e a gente descreveu 50 e tantas espécies de flebotomos; foram descritos uns 50 e tantos trabalhos só de flebotomos e eu queria demais que um dos meus filhos continuassem, das minhas filhas. Primeiro veio uma filha trabalhou aqui por algum tempo, mas ter o sobrenome Falcão parece que é um estigma. Então, não pode ficar ali, o governo baixa um decreto dizendo que não pode trabalhar junto, não é? Pai e filho. Uma foi embora depois, a outra estava comigo, quando estava bem treinada na parte de criação, tudo, aí, fui intimada a mandar minha filha embora do laboratório. Aí quer dizer, ela foi aproveitada no laboratório do João Carlos, o Francisco, meu filho mais velho, trabalhou aqui durante algum tempo, [...], mas Chico não queria nada, não é? Chico, foi até bom ele ter ido embora senão ia ser uma tristeza prá mim. Chico não gostava disso aqui, mas as suas meninas, sim. Patrícia gosta muito, trabalha bem.

Fita 1 - Lado B

-Ele já trabalhava há muito tempo.

- Com esse pessoal todo. Lá na Cidade das Meninas. E esse pessoal todo foi domado por ele.

LK - O pessoal era do Serviço Nacional de Malária.

AF - É.

LK - E tinha uma equipe que eram 20 ou 15 pessoas e ele manda formar pessoas em São Paulo...

AF - E antes ele dava, a cada ano ele dava um curso de Entomologia, depois ele encaminhava prá Faculdade de Ciências e Saúde Pública, da Universidade de São Paulo, cada ano ele mandava assim alguns entomologistas. E era um curso que era reconhecido pela OMS, todo ano tinha assim vários pesquisadores, vários entomologistas de outros países. Eu fiz o curso. No ano que eu fui fazer eu fui escalada prá ir e o marido, não, aí o marido não deixou, doutor Rachou foi obrigado a mandar os dois no mesmo ano, Alberto e eu.

Então assim todo ano ele mandava, e era assim todo o Brasil, o Brasil inteiro ele tinha entomologistas que passou pela mão dele e por esse curso de São Paulo. Que a maioria, uns já morreram, outros já largaram de trabalhar, outros se aposentaram, eu penso que dos velhos mesmo, só um, não sei se tem mais gente que tenha aguentado o rojão, que esteja por aí trabalhando.

LK - É, acho que o senhor Miguel.

AF - O Miguel na Fundação, Milton já é aposentado, faz é... ele trabalha assim a curto prazo, prá OMS, prá SUCAM. Eu nunca larguei, eu comecei a trabalhar em malária no Nordeste, fiquei três anos; depois fiquei um ano sem trabalhar, e trabalhei em 1943 até agora. Ano passado teve uma festa maravilhosa aqui prá mim, festejar meus 50 anos de trabalho, foi tudo muito bom.

ET - Mais alguma coisa?

LK - Eu acho que... acertar alguns detalhes.

LK - E o Roberto?

AF - Roberto foi chefe aqui.

LK - Ele trabalhava (...)

AF - Ele trabalhou, depois que a Entomologia foi desfeita, aquele laboratório, cada um foi prá um laboratório, quem trabalhava com barbeiro foi prá doença de Chagas; quem trabalhava com Leishmaniose, com flebótomo foi prá Leishmaniose, isso foi em 1959, que eu saí da Entomologia médica para o laboratório de leishmaniose.

AF - Aí essa ala toda ficou sendo do Roberto Milward. Ele trabalhava com caramujo. E ele foi chefe aqui duas vezes, logo eu penso que ele foi o primeiro depois do doutor Rachou,

chefe do centro, quando o professor Amilcar era o diretor do INERu ele foi chefe do centro. Depois...

LK - Isso era em 1958, né?

AF - 1957, não é?

LK - Deixa eu ver aqui (...)

AF - Doutor Rachou foi embora em 1957, eu sei porque eu fui ter essa minha menina, eu fui pro Nordeste, lá prá Fortaleza prá ter a Valéria, quando eu voltei doutor Rachou já tinha ido embora pro Rio, e com o Doutor Rachou foram vários entomologistas, foram embora pro Rio, foram embora, não ficaram aqui sem ele.

LK - Então o Roberto ele assume em 1958 ou 1957.

AF - É, e outra vez foi em 1974?

LK - A outra vez foi em 1978, quando ele vai prá Juiz de Fora.

AF - Mas aí ele não era chefe.

LK - Ah, quando ele foi (...) ele não era chefe.

AF - Não, não, quando ele foi embora, o chefe era o doutor Zigman Brener, quando ele foi embora daqui o chefe do Centro de Pesquisas era o doutor Brener. Ele foi chefe duas vezes, mas deu o que fazer, que não seja gravado. Está gravando, não é?